

“Nenhum vínculo consegue suprir sozinho todas as necessidades afetivas. Diversificar os vínculos tende a tornar as relações mais equilibradas e menos sufocantes.”

Nesse contexto, as amigas deixam de ser apenas espaços de lazer e passam a integrar decisões importantes da vida adulta — como dividir moradia, abrir negócios, planejar viagens longas ou mesmo construir projetos parentais em modelos não convencionais. A vida profissional intensa, somada à busca por realização individual, reforça a necessidade de redes sólidas de apoio fora do modelo conjugal tradicional.

Transformação social em curso

Do ponto de vista sociológico, a mudança acompanha transformações mais amplas na organização da sociedade. O professor de Sociologia Tiago Diana, diretor do Colégio Sigma, afirma que a família não deixou de existir, mas perdeu o monopólio da centralidade afetiva.

“Sociólogos como Anthony Giddens mostram que vivemos uma época em que as relações são cada vez mais baseadas na escolha e na afinidade, e menos na

obrigação social. Já Zygmunt Bauman fala de uma sociedade ‘líquida’, com vínculos mais flexíveis”, explica.

Fatores como precarização do trabalho, adiamento do casamento e maior participação feminina no mercado também impactam diretamente esse cenário. Com trajetórias profissionais mais longas e instáveis, muitos adultos priorizam redes de apoio que ofereçam suporte emocional contínuo, independentemente do estado civil.

Tiago relaciona ainda o fenômeno ao conceito de capital social desenvolvido por Pierre Bourdieu. “As amigas podem oferecer suporte emocional, oportunidades profissionais e pertencimento simbólico. Elas se tornam um ativo relacional importante em contextos de instabilidade.”

Esse deslocamento do centro afetivo aparece com força entre as gerações mais jovens. Segundo Beatriz Breves, millennials e integrantes da geração Z cresceram em meio à transição entre o mundo analógico e o digital, vivenciando mudanças aceleradas nos modelos de trabalho, família e relacionamento. “São grupos que experimentaram uma transformação intensa nos modos de vida e, por isso, tendem a deslocar o eixo afetivo para as amigas”, explica.

A autonomia emocional, nesse contexto, torna-se palavra-chave. Ao construir redes diversas de afeto, o indivi-

duo amplia sua capacidade de resiliência e reduz formas de dependência concentradas em um único vínculo. “Quando uma pessoa amplia sua rede de amizades, ela fortalece a própria autonomia e desenvolve maior equilíbrio nas relações”, afirma a psicóloga. Isso não significa que a amizade esteja imune a conflitos ou frustrações. O excesso de expectativas também pode gerar sofrimento. “Para a relação permanecer saudável, é preciso harmonizar autonomia, pertencimento e individualidade”, alerta.

Para a escritora Karin Gobitta Földes, autora de *Rimas do “Aleatório”* — livro que explora dinâmicas de amor e amizade —, essa transformação também se reflete na arte. “Hoje, as pessoas não procuram apenas um amor romântico; procuram boas amizades que podem se tornar base para um amor. Ou apenas serem laços firmes”, afirma.

Na obra, os personagens constroem identidade emocional por meio da amizade. “Pertencimento é algo que se constrói, não apenas que se herda”, diz Karin, ao destacar que famílias também podem se formar a partir de laços escolhidos.

*** Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**



apresentam:



SUSANA VIEIRA
NA COMÉDIA
LADY
SEM FILTRO SEM CENSURA
TEATRO POUPEX
12 a 15 de MARÇO
Qui a Sáb às 20h Dom às 17h



**50%
DE DESCONTO***

Realização: **JORDÃO** PRODUÇÕES

Produção em Brasília: **DECA** PRODUÇÕES

Vendas: **BELINI** — PANI E GASTRONOMIA — **Symplã**

Apoio de Mídia: **CORREIO BRAZILIENSE**

10